

# o anjo e o inquisidor

pedro l. torres



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



Lisboa



Jaguaripe • Salvador da Bahia

LOCALS  
~da~  
NARRATIVA



**P**ela sua experiência em assuntos do sobrenatural e do oculto, a Arde-lhe-o-Rabo tinha entre as senhoras da classe alta de Salvador algumas boas amigas. O seu especial talento para ler o futuro nas cartas era o motivo principal para que não apenas lhe abrissem as portas de casa, como também lhe revelassem segredinhos, confidências, pequenos mexericos de toda a sorte que a velha cartomante cuidava de manter só para si.

Naquela tarde, conforme todas as semanas, Maria Gonçalves — nome real da especialista, embora ignorado pela cidade inteira que apenas a conhecia pela alcunha, de origem desconhecida — dirigiu-se à casa do contador, onde Paula Siqueira a recebeu, escondida atrás da porta, com secreto gosto. Àquela hora, o marido trabalhava no seu gabinete na Praça do Palácio, e a criada andava a passear, porque à tarde havia pouco para fazer e a patroa então dispensava-a por umas quantas horas.

Sentadas à mesa da cozinha, onde a espessa pedra das paredes conferia uma frescura agradável, contrastante com o calor abrasador da tarde, as duas debruçavam-se sobre as cartas que a cartomante ia deitando, lentamente, analisando o seu significado. Os olhos de Paula fixavam-se compenetrados nos pormenores laboriosos das figuras pintadas à mão, estudando-as nos seus detalhes, procurando extrair-lhes significados ocultos sobre o seu destino, e o que este lhe reservava.

— Nada tema — disse a Arde-lhe-o-Rabo, confiante, atrás dum sorriso misterioso que lhe trazia à pele as rugas de uma longa idade, plena de adivinhações. — Como já lhe disse noutras sessões, a menina terá belos e longos anos pela sua frente. Nisso, as cartas são constantes naquilo que nos dizem.

Paula traçava o lenço sobre as costas e aconchegava-se satisfeita, agradada pelas palavras confortantes da mística, que buscava todas as semanas como um bálsamo de esperança e significado.

— Quando estou sozinha ponho-me a pensar na minha vida, desde que nos mudámos para Salvador. No início sentia muito medo do que podia acontecer aqui, agora nem tanto. Estas sessões consigo fazem-me muito bem.

— A menina tem de libertar-se desses medos. Bela e jovem como é, com uma vida inteira à espera de ser vivida!

— Mas aqui encerrada, Maria, todos os dias aguardando o regresso do António... Essa vida de que fala não espera para sempre!

— Isso depende apenas de si, menina. O futuro dispõe-nos de uma infinidade de oportunidades, mas é preciso saber deitar-lhes a mão. As cartas não fazem tudo sozinhas.

— Ah, mas seria tão bom se o fizessem — suspirou Paula, fincando os cotovelos na mesa, com o olhar perdido através da janela para o quintal das traseiras. — É tudo tão difícil quando se é esposa de alguém com poder.

— Pois não julgue que é mais fácil ao lado de um bruto sem maneiras e sem um cruzado no bolso. A menina tem de aproveitar a vida. Até eu, que já supostamente tenho idade para estar no outro mundo, vou-me distraíndo aqui e ali. Olhe por exemplo, hoje à noite, o baile.

— O baile?

— Sim, o baile. Não me diga que não ouviu nada.

— Não...

A Arde-lhe-o-Rabo arregalou os olhos, incrédula.

— O baile do Entrudo, ora pois. Sabia que há um navio holandês atracado no porto há uns dias, espero?

— Ouvi falar qualquer coisa.

— Pois é. Este ano o governador proibiu todas as celebrações do Entrudo, mas fala-se à boca pequena que estes holandeses vão organizar um baile num dos armazéns lá de baixo, junto à praia, e vai ser esta noite. Supostamente ninguém dos da alta pode saber disto, mas da maneira que a cidade inteira fala, duvido que eles não saibam também.

— E a Maria também vai?

— Então que querias tu, filha? Que ficasse em casa a coser meias? Vai ter música, e pinga, e animação... Era mesmo isso que lhe fazia bem.

— Esta noite o António vai à ceia a casa do governador Cristóvão de Barros.

— Então e quer melhor oportunidade para aparecer por lá?

— Mas ele nunca me deixaria ir, Maria — disse Paula, afectando escândalo.

— E quem lhe disse que ele tem de saber? Ele volta cedo lá da ceia?

— Oh, nunca. Antes das primeiras horas da madrugada é certo que não está cá.

A Arde-lhe-o-Rabo ofereceu-lhe um sorriso cúmplice.

— Ó Maria, e se ele descobre? Eu estou perdida!

— Ele não vai descobrir — disse a mística, tomando as cartas entre as mãos, baralhando-as calmamente, cortando-as sobre a mesa.

— *La maison de Dieu* — disse, num francês arranhado que lhe projectava o maxilar inferior para a frente, deixando a boca desdentada entreaberta. Na carta tirada sobre a mesa exhibia-se o desenho de uma torre, coroada ao alto e com dois súbditos caídos ao fundo. — Este é o seu passado, um passado de clausura, naturalmente. A coroa na torre representa o poder desta casa na cidade. A minha amiga tem assim vivido encarcerada sob a coroa.

Paula acenava a cabeça em sinal afirmativo, impressionada com o sentido claro da explicação.

— Vamos à seguinte. Do presente, do seu presente — e pousando os dedos sobre o baralho, colocou sobre a mesa a segunda carta, ao lado da primeira, onde figurava uma mulher sentada num trono, com um escudo numa mão e um ceptro na outra, uma nobre ricamente vestida, exibindo uma coroa na cabeça.

— *L'Imperatrice* — disse a Arde-lhe-o-Rabo, na sua pronúncia carregada, revolta na língua insalivada.

— Essa sou eu, Maria? Uma mulher poderosa?

— Pode ser, pode ser.

— Oh, de que me vale tanto poder assim, se vivo fechada nessa torre da primeira carta...

— Este também pode ser um presente que ignora, que vive em torno da sua vida e a influencia, ainda que o possa não reconhecer no imediato. Ou um complemento do seu passado, da sua torre, uma advertência sobre

acontecimentos próximos. Devemos ter uma interpretação lúcida e aberta sobre esta segunda carta.

— Quando começa esse baile, Maria?

— Depois da ceia, quando a noite cair.

— E porque proibiu o governador essas celebrações?

— Parece que foi por causa do Bispo, que não quer festas que não sejam dos Santos. Valham-nos os holandeses. Vamos espreitar agora o seu futuro, minha querida.

Nisto, três pancadas soaram da porta de entrada. Paula ergueu-se assustada.

— É a criada! Céus, como o tempo passou. Maria, não se importa de sair aqui pelas traseiras? Não quero que...

— Claro que não me importo! Não precisa a minha amiga de explicar o que quer que seja.

Paula agradeceu, e afastou-se pelo corredor fora em direcção à porta. A Arde-lhe-o-Rabo voltou então a terceira carta antes de recolher o baralho e sair pelo quintal. Já na rua deserta, olhou para trás, contemplando a fachada da casa do contador. — *Le jugement!*, disse num lamento, antes de se pôr a caminho num passo apressado pela rua fora.

Ao final da tarde, quando uma brisa ténue soprada da baía subia a ladeira e agitava as folhas das videiras e dos coqueiros, altos e esguios, os padres do colégio saíam dos seus cubículos e vinham até à horta cuidar dos produtos da terra fértil. Nem mesmo os lentes faltavam ao encontro nas traseiras da grande escola jesuíta com a sua capela, onde de mangas arregaçadas e pés descalços, todos ajudavam nas lides agrícolas com gosto e afinco. Cultivadas entre as espécies autóctones que cresciam em abundância como os ananases, as pacobas ou as cuieiras com as suas cabaças, também as espécies de Portugal ali se davam, viçosas e belas: alfaces, beringelas, couves e abóboras, uma variedade de sementeiras que tinham ali encontrado terreno e clima favoráveis. E enquanto alguns fendiam a terra com as suas enxadas, abriam carreiros e limpavam as ervas, outros podavam a vinha, colhiam ananases ou simplesmente tocavam flauta, à sombra de limoeiros perfumados, distraídos na paisagem idílica que a baía oferecia, azul e profunda, de leve espuma branca nas ondinhas que lambiam as praias e o porto, na parte baixa da cidade.

Naquele dia, decidira o próprio reitor juntar-se aos colegiais no mo-

mento ao ar livre, finda a lição da cátedra de teologia, de que era responsável. Com as mãos unidas atrás das costas, a cabeleira farta penteada para trás e o rosto tostado pelo sol, o padre Fernão Cardim passeava-se entre os alunos, dando conselhos sobre as culturas, ajudando na apanha das frutas ou simplesmente participando com um comentário ou uma graça nas conversas distraídas dos rapazes, que por ele tinham enorme estima. Abafado na batina preta, o jesuíta passava de quando em quando o lenço sobre a fronte transpirada, e os seus olhos castanhos encimados por duas sobrancelhas negras e espessas semicerravam-se diante do sol alaranjado ainda forte, o mesmo que recordava de Viana do Alentejo, onde tinha crescido. Ali porém, na América portuguesa, a humidade era nova, dificultava a respiração e tornava o trabalho mais pesado, sobretudo para os seus cinquenta e dois anos de idade, ainda que o corpo esguio e enérgico mal os acusassem.

Aproximando-se do muro branco da cal de ostra que delimitava a propriedade na face costeira, pôs-se junto ao solo a observar atentamente o estado da barreira pois as últimas chuvadas tinham arrastado terra pela ladeira abaixo, roubando-lhe a fundação. As desgraças passadas tinham porém ensinado boas lições, e fortalecidas com o calcário das cascas dos bivalves, abundantes na bacia e dos quais faziam os gentios uso na sua dieta, as defesas de taipa de pilão provavam aguentar a intempérie temível que amiúde S. Pedro enviava, e imaculado, o muro mantinha-se firme. Depois ergueu-se e espreitou a baía de Todos os Santos, vastíssima: pelas águas de um azul forte, variável na tonalidade conforme o fundo, pequenas embarcações de pesca deslizavam suavemente, deixando trilhos atrás de si, breves na sua existência; à distância, uma linha escura encimada pelas copas das árvores assinalava o Recôncavo e o seu recorte acidentado, contornando a baía, mergulhando nela com as suas ilhas. Uma neblina esparsa caía sobre aqueles lados, e o tom laranja fogo do sol descendente perdia-se lentamente na indefinição do entardecer da selva densa, familiar pela evangelização dos gentios. Do lado de cá, ao fundo da ladeira, junto às águas, chegavam as vozes dos rapazes de vigia no baluarte, debruçado sobre o porto, na sua construção tosca de adobe de paredes irregulares. Entre os sons ininteligíveis distinguia-se por vezes uma risada estridente, que por sua vez despertava outras, descontraídas.

Estava o reitor naquela contemplação distraída quando uma voz atrás o surpreendeu:

— Senhor padre Cardim?



Voltou-se para trás para ver quem o chamava, mas pela expressão admirada que fez por não encontrar ninguém, a voz insistiu:

— Aqui em cima. Olhe aqui.

Por cima do muro lateral do extremo norte do colégio, uma carita de miúdo observava-o atentamente, do fundo dos olhos de nácar, contrastantes com a pele negra retinta.

— Olá, então temos visita? Também queres ajudar na terra?

— Não, senhor padre — respondeu o miúdo, voltando as pernas para o lado de dentro, bamboleantes. — Eu ajudo o meu pai, lá na cidade.

— E quem é o teu pai?

— Meu pai é Tinoco da Guiné, vende na praça para o seu dono, Alves da Mota.

— Tinoco... — repetiu o reitor, de si para si, acenando levemente a cabeça em sinal afirmativo. — Então e ao que vens tu, rapaz?

— Tenho recado para o senhor padre Cardim, lá da praça. Que querem o senhor na casa dos governadores para lhe falar não sei de que assunto. Dizem que é importante.

— Na casa dos governadores? — perguntou, com o cenho franzido. — E quem te deu esse recado?

— Foi o oficial de justiça, que me deu um vintém para eu dizer isto ao senhor. E que foi o senhor bispo que lhe pediu a ele para que desse o recado. E ele não deu, mas deu-me um vintém para eu dar o recado ao padre Cardim — e com um rosto triunfante, tirou a moeda do bolso dos calções e pôs-se a contemplá-la.

— Então tenho de ir aos senhores governadores... Obrigado pelo teu recado — e com amizade, tocou-lhe ao de leve na barriga da perna. — Queres um ananás?

— Se o senhor padre me dá, eu quero.

— Levas ao teu pai, dizes que vai da parte dos jesuítas do colégio. Padre Vítor! Traga-me aqui um desses mais maduros, aqui para o nosso visitante. E para a próxima vê se entras pela porta, de acordo? Pega lá — e esticando-se, ofereceu o fruto ao rapaz que, rodando as pernas, sumiu-se do muro, ágil como uma sardanisca.

Era uma situação inédita. De todas as vezes que D. António o chamara, pensou o padre, descendo a rua lateral da Sé, era ali mesmo que se encontravam para discutir os mais diversos assuntos, por norma concernentes à pregação, ao catecismo e à vida cristã da cidade em geral. Das juntas e do que tratavam — tanto a de oitenta e dois como esta mais recente,

que já durava cinco anos —, pouco falava com o bispo. Admirava-lhe a disponibilidade e a energia para acumular o cargo civil com as responsabilidades do bispado, e segundo se dizia era graças à sua presença conciliadora na junta governativa que mantinha a estabilidade entre os membros. Mas eram temas que nada lhe diziam, esses da política, D. António sabia-o muito bem, e por isso aquela convocatória de final de tarde tão estranha se lhe afigurava.

As ruas, tal como o terreno do colégio, ganhavam uma presença renovada de gente, convivendo em passeios de fim de tarde. Aos locais de Salvador, ligados ao comércio e à administração da cidade, juntavam-se os ricos fazendeiros e senhores dos engenhos, elegantes nos seus gibões, passeando-se com as suas senhoras igualmente arranjadas, como ditavam as modas europeias nos meios reais e burgueses. Vindos da parte baixa, também os homens do mar juntavam-se ao convívio popular pelas praças, vielas e esquinas, sentados nas escadas da misericórdia: grumetes, remadores, pilotos e cosmógrafos, toda uma sorte de ofícios, falando nas línguas mais diversas que a Carreira das Índias conseguia reunir. E entre as tavernas e as bancas ambulantes dos negros de ganho<sup>1</sup>, os estrangeiros estafavam o que amealhavam, porque em breve estavam de partida, e a vida no mar era demasiado incerta para prometer um novo regresso.

Vista por fora, a casa dos governadores era um estaleiro de obras, em constante alargamento e remodelação. Da construção original, em madeira, só restava a localização, e renovado em taipa como a maior parte das construções da cidade, o edifício da administração central diferia na cor, que era vermelho sangue, contrastante com o branco da cal da câmara municipal, ao lado. Para a pintura da fachada havia uma extensa trama de andaimes instalada ao longo da praça, e encolhido para não bater na cabeça numa das estacas da estrutura de aparência frágil, o padre Cardim anunciou-se ao guarda de plantão que se encarregou de o conduzir escadas acima até ao salão nobre, onde a sua presença era aguardada.

— Padre Cardim — disse o bispo, à sua entrada, erguendo-se da cadeira, assim como os dois outros dignitários, sentados à mesa de reunião.  
— Estávamos à sua espera.

Uma luz avermelhada filtrada pelas janelas tingia o salão num tom

---

<sup>1</sup> Escravos que passavam os lucros da sua actividade para o seu dono.

baço de natureza morta, animada aos cantos pelos candelabros de ferro, de velas acesas. As tapeçarias e os retratos dos anteriores governadores e do rei da coroa perdiam a definição no escurecer cavalgante, e os rostos que o observavam, deferentes, tornavam-se ainda mais graves pelo halo de luz que envolvia os seus corpos esticados, diante da mesa repleta de mapas e documentos oficiais da governação. À cabeceira, o governador interino Cristóvão de Barros, à sua esquerda o bispo António Barreiros, e à direita o ouvidor geral, António Coelho de Aguiar.

— Boa-tarde, meus senhores. Estava longe de receber a esta hora semelhante convocatória.

— Nada de oficial, senhor padre — disse Cristóvão de Barros, com o seu vozeirão pausado e grave. Era um homem grande e largo, de cabeleira grisalha como prata enegrecida, o rosto sulcado de rugas, olhos negros e mortiços, destacados no rosto preenchido pelas barbas, da cor das melenas.

— Queira sentar-se, meu bom amigo — disse o bispo, amigável, puxando a cadeira ao seu lado.

— Com o senhor bispo aqui presente, a representação eclesiástica está mais que garantida — disse o padre Fernão Cardim com um leve sorriso, unindo as mãos sobre a mesa.

— Olhe que não, padre Cardim. Não imagina o cabo dos trabalhos que é convencer estes dois teimosos — disse o bispo, como de si para si.

— Convencidos estamos todos — disse o ouvidor, recostado na cadeira, cofiando a pêra fina, com o pescoço sumido na almofada gorda e flácida que lhe envolvia o pescoço, mole como o resto do corpo redondo. — Precisamos é da sua experiência, senhor padre.

Àquelas palavras, que atalhavam directamente ao assunto que importava, os semblantes de Cristóvão de Barros e do bispo tornaram-se carregados.

— Por mim já tínhamos experiência suficiente à mesa — disse porém o governador interino, com um encolher de ombros.

— Fui eu que quis especificamente a sua presença aqui — disse o bispo, voltado para o padre Fernão Cardim. — Precisamos da sua ajuda.

— Pois bem — disse o jesuíta — digam-me os senhores em que posso ajudá-los.

Cristóvão de Barros e António de Aguiar entreolharam-se, e a um sinal do primeiro, o ouvidor ajeitou-se na cadeira e pigarreou levemente, preparando-se para falar:

— Temos aí uma situação melindrosa de que me vieram dar conta hoje, senhor padre. No Recôncavo.

Fernão Cardim semicerrou os olhos.

— Um fazendeiro meteu-se em problemas, um tal de Taíde, tipo novo, tem as terras para os lados de Jaguaripe. Segundo sabemos, foi capturado pelos tupis, juntamente com o seu feitor, quando os dois andavam em viagem pelo sertão.

— De onde veio a informação?

— Essa é a parte curiosa desta história — disse Cristóvão de Barros.

— É que foi o próprio a escrever-nos uma carta a comunicar o sucedido.

— Como?

— Escrita lá do engenho dele, veja lá, senhor padre — disse António de Aguiar.

— Segundo nos diz, convidou a tribo de captores a instalar-se no seu engenho para escapar à morte. E agora não consegue ver-se livre deles.

— Isso parece um pouco estranho...

— Eu achei o mesmo — disse o governador —, daí ter pedido às autoridades de Jaguaripe para investigarem esta história. E hoje chegou-me a resposta, confirmando que de facto há uma tribo a viver no engenho deste dito Taíde.

— Isso é muito estranho — disse Fernão Cardim, de cenho franzido.

— É a primeira vez que ouço falar de tupis a viver instalados em terrenos de colonos. Eles têm as suas aldeias, para que haveriam de fazer uma coisa dessas?

— Não sabemos, senhor padre — disse o ouvidor. — A verdade é que estes incidentes com o gentio não são novos, embora tenham diminuído imenso em frequência nos últimos anos.

— Entre os tupis a palavra de Cristo está bem difundida. Evoluíram muito como sociedade, e são nossos bons amigos, respeitam-nos, se os soubermos respeitar também. Sempre fui recebido com grande festa nas suas aldeias pelo Recôncavo. O senhor bispo sabe-o bem.

D. António Barreiros passou os olhos pelo tecto com ar de dúvida.

— Nós nunca colocámos isso em causa — disse Cristóvão de Barros, levemente irritado. — Ainda bem que os senhores jesuítas dominaram aquela gente, ensinaram-lhes a cultivar a terra, a viver em paz e segundo os ensinamentos de Deus Nosso Senhor. Mas a verdade é que temos a confirmação de duas fontes distintas que estes selvagens ocuparam um terreno que pertence a um dos nossos. Algo tem de ser feito, naturalmente.

— E disseram-lhe tratar-se concretamente de uma tribo de tupis, Excelência?

— Ora, eu sei lá, senhor padre. São uns selvagens, é tudo o que posso dizer. E para mim está claro que temos de mandar para lá a tropa para fazer uma limpeza.

— Vamos ter calma — disse o bispo, grave, de mãos unidas sobre a mesa. — Padre Cardim, o senhor é um homem muito experiente no terreno, no convívio com os tupinambás. Conhece as suas gentes como ninguém, e daí é muito importante a sua presença nesta discussão. Sobretudo para não tirarmos conclusões precipitadas.

— Compreendo, D. António. Por favor, continue.

— Pois bem, diga-nos o que pensa sobre esta ocupação de um engenho por parte do gentio, e o que devemos fazer para corrigir a situação.

— Como disse, Eminência, creio ser pouco plausível os tupis cometerem tal acto. Ainda que algumas aldeias se mantenham hostis à nossa presença, esta gente não é dada a ocupações de território alheio. Daquilo que descrevem, diria que é mais provável que se trate de uma tribo nómada belicosa, como os caetés, ou os amoipiras.

— Os caetés — repetiu o governador, meditabundo, com os olhos fixos na mesa.

— Algum problema, Excelência? — perguntou o ouvidor.

— Não se precipite na avaliação do sucedido, Cristóvão — disse o bispo, com firmeza.

— Podem ter passado mais de trinta anos sobre a morte do meu pai, D. António. Mas eu não esqueço o que aconteceu.

— Em boa verdade não sabemos quem é esse gentio, e tudo o que aqui dissermos acerca dele é mera especulação — disse Fernão Cardim, voltado para o governador interino. — Há que entender melhor a situação no terreno de maneira a poder decidir como resolvê-la.

— Por mim, manda-se já a tropa para esse engenho e resolve-se o assunto de uma só vez — sentenciou Cristóvão de Barros, com uma palmada vigorosa sobre a mesa, como que saído de um transe. — Desbaratamos esses selvagens, e acaba-se a conversa!

— E se perdemos esse Taíde e os seus homens que hão-de estar cativos do gentio? — perguntou António de Aguiar.

— Mas quais cativos? Pois se o homem tem a liberdade de nos escrever!

— Nesse caso talvez possa escrever-lhe de volta a perguntar-lhe de que é que precisa para expulsar o gentio da sua terra — disse Fernão Cardim.

O governador e o bispo entreolharam-se.

— Não me parece má ideia, Cristóvão. Pode ser que as coisas até se resolvam a bem...

O governador agitava-se na cadeira, de lábios apertados e olhando em volta com ar contristado.

— Até parece que não tem memória do que aconteceu lá em Alagoas, D. António... Logo o senhor que é bispo!

— Conhecemos todos muito bem a tragédia a que o senhor governador se refere. Lamento muito a perda do seu pai nas circunstâncias que se conhecem, bem como a do bispo Pêro Sardinha, de quem tenho muitas saudades. Mas sejamos cautelosos para não cair no erro de julgar o caso presente com a emoção natural que esse episódio passado nos desperta.

— Mas e se forem os caetés, D. António? — perguntou porém Cristóvão de Barros, irado. — Sabe muito bem o que esses selvagens vão fazer! Aquilo que fizeram ao meu pai! Ao bispo Sardinha, D. António! Eles vão... Eles vão devorá-los!

Depois do eco daquelas palavras exaltadas nas paredes do salão nobre, caiu um silêncio glacial. O bispo, de mãos unidas, curvou a cabeça, como se rezasse. Fernão Cardim olhou para os dois outros membros do governo: o ouvidor coçava a testa, de cotovelo apoiado na mesa; Cristóvão de Barros limpava com um lenço algumas lágrimas que entretanto haviam rolado pelas suas faces trigueiras e sulcadas.

— Se os senhores me permitem — disse Fernão Cardim, grave —, também me parece inverosímil que uma tribo caeté se instale num terreno cultivado, livre do mato que eles utilizam para se esconderem dos seus inimigos. Imagino que um grupo dessa tribo se sentisse demasiado exposto aos perigos para se deter muito tempo numa fazenda das nossas.

— Pois seja, senhor padre — redarguiu Cristóvão de Barros. — Vamos assumir que a tribo é uma outra qualquer, tupis até, educados pelos padres da Companhia. Isso não me demove um pouco de resolver as coisas como têm de ser resolvidas. E se esses negros da terra andam à procura de problemas, pois digo-lhe que não sabem com quem se meteram!

— O senhor governador tem os louvores do reino pela guerra que lhes tem feito. Bem conhecemos a forma como os eliminou de Sergipe. Mas de muita utilidade lhe têm sido também, certamente o há-de reconhecer. O

ano passado correu com aqueles piratas ingleses aí do largo graças à ajuda dos flecheiros que recrutou à data, e que tanto lhe valeram...

— Eu já sabia que era má ideia chamá-lo aqui — resumiu o governador, acossado pela argumentação do jesuíta.

— Escreva a esse fazendeiro, e logo vemos o que ele diz — disse D. António. — Se tiver de mandar lá gente, pois que mande.

— Pois seja. E que fique registado em acta que se acontecer alguma tragédia em Jaguaripe, não foi por falta de iniciativa deste governador interino que o assunto não se resolveu com a prontidão devida.

António Aguiar acenou afirmativamente, com ar de enfado.

— Muito bem — disse D. António, erguendo-se do seu lugar. — Por hoje estamos então terminados. Vai para o colégio, padre? Faça-me companhia até à sé, se não lhe causa moléstia.

— De todo, Eminência. Com a vossa licença — e despedindo-se, os dois religiosos deixaram o salão nobre.

A praça estava já deserta àquela hora, e apenas um grupo de três soldados passava ao longe, caminhando num passo arrastado. Era uma noite quente, e o som tenaz dos insectos misturava-se com a agitação dos pássaros nas copas das árvores plantadas em linha com o mar, no topo da ladeira. Com as mãos atrás das costas, Fernão Cardim e D. António seguiam com vagar, apreciando o ar perfumado, trazido por uma ténue brisa marítima.

— Obrigado pela sua ajuda naquela reunião, padre Cardim.

— Ora essa, D. António. No que puder ajudar, sabe que pode sempre contar comigo.

— Ah, este governo — suspirou o bispo, de olhos voltados para a Lua, exuberante. — Já estou velho para estas coisas. O senhor viu como as coisas são ali. O Cristóvão é bom homem. Mas teimoso...

— A sua presença é muito importante na junta.

— Se não tivessem insistido tanto da coroa, nem lá voltava agora estes anos. Com tanto que fazer na diocese... O que vale é que está para acabar.

— Como assim?

— Olhe — disse D. António, detendo-se no caminho — eu nem quis comentar o assunto agora à saída, até porque o Cristóvão ficou melindrado, mas a verdade é que recebemos hoje notícias do reino: parece que vamos ter novo governador.

— Ah sim?

— Um tal Francisco de Sousa, almirante da armada, consta que fez

parte da força que D. Sebastião levou a África. Há-de estar a embarcar por estes dias.

— O D. António deve estar satisfeito, calculo.

— É como lhe digo, padre Cardim — disse o bispo, retomando a marcha. — Isto já me cansa um bocado. Se vem um novo para cuidar desses assuntos da política, pois só posso desejar-lhe muita sorte. Eu já dei o meu contributo.

— Compreendo, Eminência.

— Não sei se apliquei bem o meu tempo naquele palácio. Tantas almas para acudir nesta terra... O senhor padre bem sabe.

— Tenho a certeza de que muito fez por elas nas suas decisões, D. António. Pelo menos nos assuntos em que conseguiu convencer o senhor governador — sorriu o jesuíta. Mas o bispo mantinha-se sério, ensimesmado com as suas dúvidas.

— Padre — disse com gravidade, diante da misericórdia: — acha que o pecado está a aumentar entre as nossas gentes?

Estranhando a pergunta, Fernão Cardim franziu o sobrolho, intrigado.

— Nada de que me tenha apercebido, D. António. Mas porque pergunta?

— Não tem notado nada de anormal, de diferente? Nas confissões, talvez?

— O mesmo de sempre... As pequenas falhas comuns dos homens e das mulheres.

— E rituais ou práticas impróprias de cristãos, tem conhecimento de alguma coisa?

— Coisas de judeus, D. António?

— Por exemplo.

— Os cristãos-novos têm tanto com que se preocupar como os velhos. Com os ataques dos franceses, dos holandeses e dos piratas, os hábitos antigos ficaram para trás.

Com um olhar semicerrado, o bispo pensativo parecia ver para além de Fernão Cardim.

— E no Recôncavo?

— Aí as coisas sempre foram diferentes — disse o jesuíta, amargamente. — Conhecemos as dificuldades da vida no sertão. As tentações são grandes. Ainda temos muito trabalho a fazer por aqueles lados.

— Essas... falhas são conhecidas aqui na cidade, suponho.



— Os homens vivem ali sozinhos, o trabalho é duro, os perigos vários... Um terreno propício para o pecado que é do conhecimento geral, é verdade.

D. António Barreiros acenou levemente a cabeça. À frente começava a surgir a fachada da igreja da Sé.

— Se souber de alguma coisa mais ofensiva nos comportamentos, agradecia que me comunicasse, senhor padre.

— Mas há algum problema, D. António?

— Espero que não — disse o bispo, apertando a mão da sua companhia, à porta da igreja, agradecendo-lhe pela presença na reunião da junta. Depois desapareceu na escuridão, degraus acima, atrás do pesado bater da porta.

À hora anunciada, pelas encostas escuras da ladeira começaram a surgir vultos furtivos, descendo os degraus toscos e invisíveis da forma mais oculta possível. Sozinhos ou em grupos de dois e três, os visitantes abafavam-se em xailes pretos, agarravam-se aos arbustos ou aos troncos das palmeiras, movendo-se às apalpadelas. Mas apesar de todo os cuidados em não fazer o menor ruído, os tropeções eram constantes. Era noite de lua nova, e o mar adiante apresentava-se como uma massa oscilante e calma, um grande vazio negro como o fosso infinito onde acabava o mundo. No torreão mais próximo, a guarda de sobreaviso fazia de conta que não escutava nada. De quando em quando surgia uma risada, mercê de alguma queda entre a procissão secreta, logo abafada por sopros sibilantes. Na praia havia outros vultos a fazer sinal com o braço para que os recém-chegados se despachassem. Um cantar rouco de um pássaro noctívago entre as árvores quebrava o silêncio num sobressalto. Eram mais de uma centena, os convidados. Curvados e movendo-se aos empurrões pela areia, sob imprecações surdas, assim entraram na casa da pólvora, quase tão escura como a noite lá fora, apenas alumada por uma lanterna a óleo dependurada a um canto, onde uma estrutura improvisada com caixas de madeira servia de palco. Desconfiados, os convidados dispersavam-se pelo grande armazém, evitando olharem-se uns aos outros. As mulheres recusavam-se a tirar os xailes das cabeças, e os homens procuravam esconder-se entre as golas levantadas das camisas e os barretes enterrados até aos olhos. Assim que todos entraram, dois rapazes da organização fecharam as pesadas portas de madeira, e com um sinal de assobio, anunciaram que o bar estava

aberto, duas pipas de vinho, cortesia da Pinheira, que até tinha trazido o seu pessoal para servir.

Estava a fila a formar-se quando a banda subiu ao palco. Eram caras desconhecidas, rapazes holandeses, marinheiros de passagem e contratados para o baile do Entrudo. Um trio composto por flauta, alaúde e saltério. Começaram a tocar uma melodia pausada e suave, contrastante com a turba negra ávida de vinho, desconfiada do programa de festas e receosa de ser encontrada naquele baile proibido, o primeiro em que participavam. No tecto projectavam-se as sombras agigantadas dos músicos, e um coro sussurrante misturava-se aos acordes dóceis, crescendo na intensidade à medida que os convivas se serviam da bebida à discrição, acre e forte. Imóvel, o público apenas movia as mãos para levar as malgas aos lábios. Lá na frente, diante dos músicos, havia quem quisesse arriscar um pé de dança, mas a música era demasiado lenta, e com medo do ridículo, os dançarinos logo se recolhiam a um canto, envergonhados. Aquele jogo em surdina durou mais de uma hora, ao fim da qual um calor corajoso começou a subir pelas traves grossas da casa da pólvora. A música, apesar de continuar, perdia-se já entre as conversas e risadas dos convidados enlutados, e qualquer que fosse o ritmo que escutassem, muitos já dançavam agarrados aos seus pares, enlevados por um atrevimento descontraído e certamente permitido num baile, que para isso o tinham organizado. Faces coradas ardiam lentamente no calor de um salão homogéneo, uma onda de gente como as da baía, oscilante, sensual e lenta, trocando de pares, rindo sem jeito, amando aquele pequeno intervalo de vida, tão diferente da outra vida que duramente levavam sem momentos de felicidade descontraída. Animados, os holandeses também dançavam pelo palco, bailando com os seus instrumentos. Palmas faziam o ritmo, um beijo fugaz num pescoço, só na brincadeira, escondido, que mal tem? Atrevido, delicioso, uma grande ideia, o baile do Entrudo.

Eram as primeiras horas da madrugada quando a banda fez uma pausa, para descansar e beber. Misturada com a assistência, com um lenço lilás a cobrir-lhe a cabeça, deixando apenas os olhos de fora, Paula Siqueira divertia-se a dançar sozinha, mesmo depois da música cessar. Tinha já encontrado vários conhecidos, dançara atrevidamente com outros que jamais havia visto por Salvador, e tagarelara durante algum tempo com a Arde-lhe-o-Rabo, que muito a elogiara pela iniciativa de juntar-se ao baile, um gesto que no fundo não tinha mal nenhum, e que lhe fazia muito bem.

Quando a banda voltou ao palco, a assistência regressou ao centro do

armazém, mas ao invés das melodias dançantes europeias, os artistas tocaram, pela mão ritmada do homem do tambor, uma batida pesada de cadência lenta e firme, como se aquele marcasse o passo de um barco negroiro movido a remos. A curiosidade elevou-se então na casa da pólvora.

De repente, um corredor formou-se entre a assistência, desde a entrada até ao palco. Todos se apinhavam procurando perceber o que acontecia. Um homem já com o tronco despido e as faces rubras subiu para o palco, e com um vozeirão ébrio anunciou alto:

— Senhoras e senhores! Melhor dizendo, senhoras, senhoritas... mulheres. Exclusivamente para o vosso encanto, aqui tendes, no baile do Entrudo, Sua Majestade — o rei pássaro.

Ao fundo do corredor surgiu então uma silhueta pequena, de braços abertos, sob os quais pendia uma capa que lhe caía até aos joelhos. Lentamente começou a avançar entre a assistência, à cadência do tambor, com um olhar faiscante e um sorriso provocador que ia oferecendo, caminhando com um jeito dengoso, de anca requebrada, fazendo arder excitadas as faces já tomadas pelo sangue aflorado pela bebida acre.

— É a Felipa! — alguém gritou, no escuro do armazém. O rei pássaro moveu a cabeça na direcção da voz, com um sorriso enorme desenhado nas suas faces cheias. Atrás, a capa animava-se de vida como a cauda de um pavão, feita de enormes plumas amarelas e longas, pendendo das costas e dos braços como um par de asas imponente, que a sua dona ia agitando com exuberância, para delírio dos que assistiam. As pancadas ocas prosseguiam no palco, enquanto Felipa fitava a massa curiosa que a espicaçava, batendo palmas ao ritmo do tambor. Ao ver uma cabeça coberta por um lenço o rei pássaro deteve-se, e abrindo as asas em toda a sua envergadura aproximou-se, fechando-as sobre a destinatária, ao que a assistência respondeu em coro, animada: uuhhh!

Depois de largar a presa, assim continuou o seu trajecto no corredor, parando a cada lenço, a cada rosto oculto, a cada mulher. Cada vez que encerrava uma nova vítima, vinha logo aquele grito colectivo, cada vez mais entusiasmado, tal como o ritmo, que progressivamente começava a acelerar. Algumas mulheres anónimas recuavam do corredor para escapar ao abraço certo, sob um coro de gargalhadas estridentes, urros ébrios e imprecações de toda a sorte. Naquele rebuliço, Paula procurou refugiar-se junto ao palco, na ideia de contornar o armazém e abandonar o baile, que se tornava cada vez mais sinistro. Mas atrás de si os homens empurravam-na para a frente, e de repente deu de si ao centro do corredor, mesmo

diante de Felipa, que a fitou longamente, com uma expressão dúplice, entre o espanto e o desejo cego.

— Uuhhh!!

Sob a cobertura das asas era a escuridão total. O cheiro da boca de Felipa chegava-lhe às narinas, soprado por uma respiração acelerada. Com o calor das asas, o rei pássaro arfava. De súbito sentiu uma língua quente. Tocou-lhe entre o canto do lábio e a face, errando o alvo. Como o abraço tardava, a multidão urrava em delírio. Empurrou-a com força, fazendo Felipa recuar dois passos, com um ar enfurecido. Uma gargalhada áspera ecoou no armazém.

— Música, música! — pediu-se então à banda. Logo voltaram os ritmos animados de festa, puxando pela dança. Eram já quatro da madrugada, e apertados uns contra os outros, os dançarinos rodopiavam, embatiam nos vizinhos do lado, num movimento contínuo e atabalhoado onde não faltavam toques ousados, gritos de protesto, risos gulosos e olhares vivos e faiscantes.

Subitamente um estouro poderoso do exterior fez as traves do armazém estremecer. Com o susto, todos pararam, procurando perceber o que tinha sido aquilo, quando uma nova explosão, ainda mais forte, soou lá fora. O toque do sino de alarme da torre mais próxima começou a repicar, nervoso, e em pânico, os convidados começaram a correr para o exterior, como se aqueles estouros fossem algum castigo maior pelos seus actos proibidos.

Da praia via-se ao largo uma fragata a descarregar fogo sobre a baía. Do alto da ladeira, nas defesas, os canhões respondiam de igual forma, disparando na direcção dos clarões de luz do barco inimigo, levantando uma nuvem cinza de pólvora queimada, cujo cheiro chegava até ao areal, pela corrente de ar oeste. Apanhados naquele fogo cruzado, os populares deitavam as mãos à cabeça e corriam em ziguezague como baratas, procurando abrigar-se como podiam. O cansaço da noite de excessos roubava o discernimento naquela situação de perigo, e ao som de gritos de pânico, a turba empurrava-se ladeira acima, ao mesmo tempo que bocados de terra, de muros e de mato saltavam em redor, estilhaçados pelos projecteis disparados em contínuo.

Paula era das últimas a chegar às escadas da ladeira. Quando se preparava para abandonar a praia, um tiro rasante passou a poucos metros, acertando em cheio num tronco de palmeira, o qual rachou como uma cana frágil.

— Cuidado!

No momento em que o topo da palmeira tombava, um vulto lançou-se sobre ela, atirando-a para a areia e evitando o esmagamento certo. Branca como a cal, Paula arfava, prostrada e sem reacção.

— Foi por pouco.

— Obrigada... Obrigada — balbuciou, sentindo a respiração do rosto que a fixava. Sobre o corpo, o peso aprisionador de um outro corpo, quente. De lado, pousadas sobre a areia, as asas magnânimas.

— Fiquei à espera que respondesses à minha carta.

— Temos de fugir daqui. Os ingleses...

Um cheiro poderoso a enxofre varria a praia, entretanto tornada deserta. E aqueles olhos, fixos, indiferentes a tudo o que acontecia em redor, rasgados, negros, inchados de quem não tinha dormido a noite, mas também, não eram sempre assim? E a expressão ambígua, entre um perturbador divertimento e um glacial prenúncio de sacrifício. Rendida, Paula apenas aguardava. Pelo golpe da ave de rapina, por um tiro que acabasse tudo, por uma onda que a engolisse, por um desfecho final, pela morte.

Um tiro da torre assobiou pelo ar e acertou em cheio no corpo da fragata, já estropiada nos mastros e nas velas por outros tiros anteriores. Ferida de morte, a embarcação começou a afundar-se. Dezenas de homens saltavam para a água como insectos, buscando salvação. Paula cerrou os olhos. Era tudo um sonho estranho. O baile, a praia, os tiros. Sentiu-se beijada com ardor, e recordando a tarde em que a adivinha reconheceu sobre si, não o monarca alado daquele estranho baile de fantasia, mas uma outra figura, também ela nobre, de pronúncia arranhada, magnânime, imperatriz, Felipa de Souza.

## CONFISSÃO DE CATARINA FRÓES

Era filha de pai cristão-velho, e mãe cristã-nova, e tinha por volta de cinquenta, mais coisa menos coisa, à data da confissão. Contei-lhes que tinha feito um arranjo com uma vagabunda não casada, de nome Maria Gonçalves, conhecida por Arde-lhe-o-Rabo e famosa pelas artes da feitiçaria. Naquele tempo, a minha filha Isabel era casada com um sujeito de maus fígados de seu nome Gaspar Martins, um safardana que lhe fazia a vida negra. Cheia de boas intenções, decidi procurar a feiticeira, para que desse jeito de que o dito Gaspar morresse, ou que o matassem na guerra de Sergipe, por onde ele então andava. Eu sabia que aquilo eram coisas do diabo, mas pior Belzebu que aquele lavrador com quem a pequena teve a infelicidade de se casar, eu nunca conheci. Enfim, lá dei uma certa quantia de dinheiro à Arde-lhe-o-Rabo para que tratasse do serviço, ao que ela me garantiu que em breve a Isabelinha estaria viúva. Não passaram porém dois dias quando a feiticeira me veio procurar, dizendo que precisava de mais dinheiro, pois o caso era mais complicado do que ela inicialmente julgara. Na altura aquilo pareceu-me muito esquisito, mas apesar de me ter recusado a pagar-lhe mais pelo arranjo, a verdade é que uma semana depois soubemos que o Gaspar se tinha finado, pelo que fiquei com a Arde-lhe-o-Rabo em boa conta.

Tão impressionada fiquei com as artes da dita, que um ano mais tarde procurei-a novamente, a propósito da minha filha mais nova, Catarina. Esta por seu lado era casada com um carpinteiro de navios, cristão-velho, de nome António Dias. Embora bastante melhor que o Gaspar, este meu genro tinha o defeito de ser grande amigo da farra. Em vez de estar à noite em casa a cuidar da família, o boémio passava o tempo na taverna. Não importava as vezes que eu e

a Catarina lhe dizíamos para que se corrigisse naquela vida desregrada, pois ele acabava sempre por cair nos mesmos vícios. Disse-me então a Maria Gonçalves que a minha filha tratasse de fornecer um botão e um pedaço da capa do marido, e que ela depois trataria do resto, em troca de uma importância em dinheiro. Uma vez assim feito, deu-me a feiticeira uns pós, os quais a Catarina havia de deitar debaixo dos pés do marido, para que este se emendasse. A mais nova não teve porém a sorte da outra, pois o feitiço não prestava. O António continuou um pândego, a pequena uma infeliz, e eu sem o meu dinheiro, que a Arde-lhe-o-Rabo nunca mais a vi por aquela capitania. Enfim, acabei por fazer o que fiz por amor às minhas filhas, que casaram com duas bestas. Mas arrependi-me dos meus actos, pelos quais cumpri a devida penitência naquele tempo, que era da graça.

Sobre os telhados interrompidos por ruelas estreitas e irregulares sobrevoavam maciços de nuvens carregadas, espalhando o seu tom cinzento pela cidade, triste e pobre. Com a mesma pressa seguia o carro acabado de chegar do campo, escoltado à frente e atrás por cavaleiros armados, entretanto feitos nervosos pelo fechar das paredes em torno da comitiva, propícia a ataques de ladrões e assassinos, que os havia agora em grande número em Lisboa. Os cascos dos cavalos pisavam a estrada lamacentas com fúria, assim como as pesadas rodas de madeira, esmagando o saibro como mós de pedra. Alguém que se metia no caminho era afastado com ordens brutais dos cavaleiros, e impulsionada pelo assobio atroz do chicote do cocheiro, a carreta instável contorcia-se nas curvas, rangendo de dor nos seus batidos eixos.

Por fim saíram do labirinto gasto das ruas estreitas, desaguando no topo norte da praça do Rossio. Subitamente, a comitiva parou. Os cavalos relincharam com o puxão dos freios, e das suas narinas subia o resfolegar quente de uma corrida tresloucada. Uma luz mortiça abatia-se sobre o terreiro, ameaçadora de chuva. Ao fundo, debaixo dos arcos do Hospital<sup>2</sup>, vultos vestidos de negro passeavam-se para um lado e para o outro, e nas

---

<sup>2</sup> Hospital Real de Todos os Santos, o mais importante de Lisboa durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Conhecido como Hospital dos Pobres, foi destruído no terramoto de 1755, sendo os seus serviços transferidos para o Hospital de S. José.



escadarias monumentais da igreja ao centro, gente aninhava-se dos lados, pedindo esmola às almas caridosas que vinham pelos enfermos internados. Era o hospital dos pobres.

Soturnos, os cavaleiros desmontaram, olhados de soslaio por guardas armados por ali dispersos, numa concentração anormal que anunciava a presença de um nobre de grande relevo. Espalhados a intervalos regulares, circundavam o palácio que se erguia ao cimo da praça, montando guarda e afastando os curiosos. À distância, parecia estranha tanta importância dada àquele edifício simples, com três torres destacadas, janelas altas e uma porta de entrada corriqueira, como a da casa de um nobre da província. Ao alto, junto às telhas, a humidade acumulava-se em manchas negras e lúgubres, e das chaminés de pedra subia um fumo branco e tímido da lenha dos fogões. Era o palácio dos Estaus, a casa de despacho da Santa Inquisição.

Apressado, um lacaios que não devia ter mais que doze anos veio abrir a porta da carruagem. Saiu então aquele homem abafado num manto negro, ajeitando as melenas sobre a testa e olhando em redor com o ar ainda estranho de quem tinha acabado de fazer uma longa jornada. O ar fresco matinal soprava com leveza, e os guardas sisudos voltavam os olhares envergonhados, alguns coçando as barbas ralas, precocemente brancas.

— Seja bem-vindo, senhor deputado. Sua Excelência o arquiduque já chegou.

À entrada do palácio uma luz excepcional de candelabros alumiaava o espaço habitualmente soturno, agora engalanado para a visita tão especial quanto rara do vice-rei. Havia arranjos florais, tapeçarias coloridas a esconder as pedras frias e húmidas das paredes, e um travo quente de perfume pairava no ar. Um número anormal de lacaios desdobrava-se em mesuras para servir o deputado, ajudando-o a despir o manto, e com um sinal reverente, o chefe da criadagem, velho mestre de poucas palavras, fez sinal ao visitante para que o seguisse até ao encontro do Inquisidor-Mor, autoridade máxima do Santo Ofício. Em silêncio, os dois homens subiram a escadaria que conduzia aos pisos superiores, onde funcionavam os serviços administrativos. Naquele dia, as portas dos gabinetes encontravam-se encerradas, ocultando os funcionários comuns do Santo Ofício, e um silêncio pesado envolvia a galeria, à medida que os dois homens pisavam a tapete vermelha de veludo, colocada sobre a pedra apenas para aquele dia. Quando chegaram ao segundo piso, o mestre pediu ao deputado

que aguardasse enquanto anunciava a sua chegada ao Inquisidor-Mor. Desapareceu então atrás de uma porta enorme defronte da escadaria, regressando o silêncio. Ao canto, um laçao de plantão observava discretamente a figura austera de negro, imóvel como uma estátua. Era largo de ombros e de aparência sólida como um tronco de árvore. O cabelo negro e espesso deitava-se sobre a testa e cobria-lhe parcialmente as orelhas; tinha uma boca pequena, de lábios finos, levemente contraídos. O olhar absorto parecia divagar em pensamentos distantes. Teria uns trinta e cinco, talvez trinta e seis anos de idade. As mãos, coladas às coxas como em sentido, exibiam uns dedos finos e muito brancos.

— O senhor deputado queira entrar — anunciou o mestre de volta.

Entrou no gabinete do Inquisidor-Mor, perpetuamente encerrado, excepto em dias de visita como aquele. Uma luz rica emanava dos candela-bros de ferro nos cantos; ao lado, a lareira agitava-se com uma chama viva e bruxuleante, alimentada por uma acha recém-colocada, e ao centro, detrás de uma majestosa secretária de mogno e pau-preto e sentado num magnífico cadeirão de veludo, o senhor Vice-Rei de Portugal e Inquisidor-Mor, o Cardeal Arquiduque Alberto D'Áustria.

— Senhor deputado Heitor Furtado de Mendonça.

— Vossa Eminência — respondeu o visitante, curvando-se numa reverente vénia.

— Seja bem-vindo. O senhor é um frequentador mais assíduo desta casa. Apesar de a presidir, eu pouco aqui venho. Queira sentar-se — disse o arquiduque, indicando a poltrona colocada diante da secretária.

Os dois homens rondavam a mesma idade. Mais magro, o arquiduque exibia uma pêra fina e cuidada, delgada como os seus olhos escuros e penetrantes. O cabelo, aparado curto, mostrava umas entradas arredondadas nas fontes, e na magreza do rosto destacavam-se as maçãs salientes, levemente rosadas pelo ar frio do inverno. Heitor sentou-se muito direito na poltrona, unindo as mãos sobre o regaço. O seu olhar firme parecia aguardar impaciente pelas instruções do seu superior, embora evitasse fixar-se nele.

— Este acumular de cargos deixa-me menos tempo para o Santo Ofício do que aquele que eu gostaria de ter. Podíamos ter reunido na Casa Real, mas chamei-o até aqui porque estes assuntos são para ser tratados onde eles pertencem.

— Compreendo, Eminência.

— Além disso, a coroa tem vindo a dar uma importância crescente a

esta instituição da qual o senhor é deputado. O meu tio Filipe<sup>3</sup> faz questão de me salientar esse facto, sempre que me desloco a Madrid. Somos um instrumento deveras importante para o reino, como senhor sabe.

Um halo de luz proveniente da janela atrás definia-se no contorno do arquiduke, instalado no seu cadeirão. Falava num tom informal, quase como de si para si, de perna cruzada, mostrando a fina meia de seda preta e o sapato pontiagudo. Ao peito exibia uma corrente dourada de grossos anéis, terminada num crucifixo resplandecente, cravado de pedras preciosas. Da lareira vinham os sons de pequenos estalidos das cascas de eucalipto a arder. Hirto no seu lugar, o deputado aguardava.

— Furtado de Mendonça... A sua família tem uma tradição nobre já antiga. Quando me falaram do seu nome, logo me pareceu uma boa escolha. Aliás, tenho aqui o documento sobre si, com todas as recomendações devidas — disse, folheando um maço de papéis pousados sobre a secretária. — Catorze provas de sangue... Duvido que encontrássemos melhor escolha para este lugar.

— Muito obrigado pelas suas palavras, Eminência.

— Enfim, temos de tomar opções dentro das hipóteses que se nos afiguram. Por vezes ficamos com um gosto amargo, quando claramente nos falta gente à altura dos desafios. Mas felizmente neste caso, esse problema não se colocou. Especialmente neste caso, que é tão importante, senhor deputado... tão importante.

— Na conversa que tive com o senhor Inquisidor Geral acerca desta matéria, ele teve o cuidado de salientar essa importância que Vossa Eminência refere.

— Pois é, Furtado de Mendonça. Estamos num ponto de viragem na nossa instituição. Numa mudança fundamental para os destinos da União. Chega o momento de mostrarmos o quão importante é o nosso papel. O quanto decisivos podemos ser, na coesão do reino. E essa tarefa cabe-nos a nós, como inquisidores. Se soubermos fazer bem o nosso trabalho, temos a confiança de El-Rei para dar força aos nossos desígnios.

— E a inspiração de Deus — acrescentou Heitor.

— Sempre, e acima de tudo. Essa é aliás uma das características desta União que nos torna tão relevantes: a força da sua fé católica. Em Espanha, vive-se um fervor cristão belo. E cumpre-nos espalhá-lo pelo reino, para que se mantenha forte, e possa crescer mais.

---

<sup>3</sup> Filipe II de Espanha.

Heitor acenava a cabeça levemente, em sinal afirmativo.

— Você é um homem puro, de uma fé sólida, como queremos junto de nós. Tive a oportunidade de falar brevemente de si ao meu tio, sobre o seu carácter, a sua rectidão moral. Respondeu-me com palavras muito encorajadoras a seu respeito, e a respeito do sucesso da sua missão. Não posso senão concordar com ele. Porém, os novos caminhos que vamos trilhar requerem muita cautela. Daí ter-lhe pedido para nos reunirmos. Para lhe explicar o que é esperado de si, Furtado de Mendonça.

— Estou aqui para o servir, Eminência.

— Pois bem — disse, debruçando-se sobre a mesa para alcançar um documento, que lhe ofereceu — aí tem o monitório geral do Santo Ofício. De uma forma simples e sucinta, lista todos os crimes de fés e heresias que esta instituição condena. Uma descrição muito objectiva para que seja compreendida desde o lavrador mais simples até ao nobre instruído. Cabe-lhe a si investigar cuidadosamente os lugares por onde vai passar na sua visitação, e punir todos aqueles que pratiquem ou tenham praticado algum desses crimes. O castigo deve naturalmente variar de acordo com a severidade dos actos, mas você é um destacado membro do Santo Ofício, portanto nada tenho a ensinar-lhe nessa matéria.

— Nada me escapará, Eminência — disse Heitor, grave, passando os olhos sobre o monitório. — Os criminosos hão-de responder perante o meu tribunal, um por um.

Alberto D'Áustria fitou o deputado com o olhar semicerrado, oferecendo-lhe um leve sorriso.

— Muito bem. Cuide de guardar bem esse monitório, e copie-o as vezes que forem necessárias para o partilhar nos lugares da sua visitação. Agora venha comigo — disse, levantando-se de forma enérgica, dirigindo-se para a porta. — Vamos dar uma volta pelo palácio enquanto conversamos. Como você sabe, aqui vêm parar os casos que os tribunais não conseguem resolver, ou porque lhes faltam meios, porque lhes faltam capacidades, porque lhes falta vontade, etc. Você vem do Santo Ofício de Coimbra, não é verdade?

— Assim o é, Eminência.

— Tenho estas funções há já sete anos, e como você sabe tenho tentado descentralizar os serviços, dar mais autonomia às estruturas locais, mas ainda assim demasiado trabalho vem parar aqui a Lisboa. Por duas vezes tivemos de alargar as instalações deste palácio, para o adaptar às permanentes solicitações. Por exemplo, este espaço aqui — disse, entrando

numa sala sem janelas e mal alumiada, preenchida com estantes que se estendiam até ao tecto, repletas de livros. — Aqui, acumulam-se todos os livros proibidos, incluídos no *Index Librorum Prohibitorum*. Quando eu fui nomeado Inquisidor-Mor, o *Index* tinha meia dúzia de páginas, e as cópias das obras em causa ocupavam um arquivo lá em baixo. Hoje, temos actualizações mensais e qualquer dia temos de ocupar outra sala para este efeito.

Heitor olhava em seu redor, observando as lombadas de cores vivas, algumas adornadas com letras douradas, apertadas umas contra as outras, encerrando os textos proibidos. Alguns eram volumes enormes e grossos, com nomes de mulheres nos títulos, ou com palavras como amor, prazer, jardins, pássaros, juventude. Um esgar de asco desenhou-se no seu rosto.

— A produção desta vergonha atingiu níveis nunca antes vistos na Europa. Mas pior do que isso — acrescentou, erguendo o indicador — é o número de gente que os procura. Prossigamos.

Os dois homens desceram então até ao piso térreo, e hesitando por momentos, procurando orientar-se, o arquiduque decidiu-se: — por aqui.

Entraram num corredor estreito, de tecto abobadado, ladeado de portas toscas. Apanhados de surpresa, os lacaios apressaram-se a acompanhar os nobres à frente e atrás, empunhando candelabros.

— Sabia você que em tempos estas arrecadações serviram para albergar animais exóticos? Tigres, leões, zebras... Aquilo que houve nesta cidade nos tempos de fartura. Chegaram a desfilar elefantes no Paço da Ribeira<sup>4</sup>, segundo sei.

Enquanto avançavam, cruzavam-se com criadas, espantadas por ver ali o arquiduque, logo fazendo por se sumir atrás de uma porta qualquer. Alberto parecia porém não se importar com aquele passeio através dos meandros mais escuros do palácio, onde o pessoal de serviço se movia e habitava. Acabaram por chegar ao pátio interior, que servia de horta e de estábulo para os animais. Alberto caminhava lentamente sobre o terreno, de mãos unidas atrás das costas, seguido de Heitor, atento. Em redor, dezenas de janelas espreitavam os dois homens ao centro. Um silêncio triste pairava no pátio, interrompido apenas pelo cacarejar esporádico do galinheiro feito de paus espetados a um canto. Ao cimo, as nuvens mantinham o seu aspecto cinzento e ameaçador.

---

<sup>4</sup> Actual Praça do Comércio.

— Se alguém fosse a avaliar o Santo Ofício por este palácio, julgar-nos-ia falidos — disse o arquiduque, olhando em redor. — A verdade é porém bem diferente.

— As expropriações têm aumentado consideravelmente as propriedades do tribunal em Coimbra.

— Todos os tribunais do Santo Ofício têm aumentado as suas poses. Não apenas em terreno, mas também noutros bens preciosos. É uma consequência do nosso trabalho, não é verdade? Devemos encará-la com naturalidade.

Heitor acenou afirmativamente.

— As propriedades dos judeus, por exemplo, têm contribuído sobremaneira para o aumento da nossa riqueza. Aí está uma expropriação útil, que não me traz qualquer problema de consciência.

— O problema é que judeus propriamente ditos já não há — redarguiu Heitor. — Agora eles são todos cristãos-novos.

— Homem, mas aqui entre nós — disse o arquiduque —, você acredita nesta história da conversão? Cristãos-novos...! Agarraram-se a essa oportunidade só para escapar aos castigos, mas a mim nunca me convenceram. Aliás, o resultado está bem à vista, nos processos que chegam a nós todos os dias. Como se vê, a judiaria gosta de continuar a praticar as suas heresias às escondidas. E é nossa obrigação persegui-los, independentemente dessa abjecta condição de novidade. Cristãos são apenas os velhos, como eu e você!

— Absolutamente.

— E sabe, Furtado de Mendonça? — disse o arquiduque, aproximando-se do deputado, falando-lhe em surdina. — Muitos fugiram daqui, mas ainda andam pelo reino. A abrir esnogas<sup>5</sup>, ao mesmo tempo que enriquecem com dinheiros que deviam ser confiscados pela Coroa. Você imagina por onde andam esses judeus, não é certo?

— Lá pelas Américas, suponho.

— Ora nem mais. Tenho recebido informações muito graves sobre o que para lá vai. E é para isso que contamos consigo. Para pôr ordem naquela terra promíscua. Onde os ensinamentos da Fé Católica vivem lado a lado com o concubinato, com o amancebamento, com a heresia. Onde os nossos andam consanguinados com os índios, numa amálgama indecente que os Jesuítas não conseguem controlar. Onde os judeus andam a explo-

---

<sup>5</sup> Sinagogas.

rar os engenhos e a tornar-se grandes senhores poderosos. Intolerável, isto é absolutamente intolerável.

Heitor seguia com atenção cada palavra irada do arquiduque, medindo-lhes o peso, a raiva, tomando-as como suas, assimilando o seu veneno, tornando-o seu também, como se assim se preparasse melhor para a sua missão.

— Esta visitação que você vai levar a cabo só peca por tardia. E porque já deixámos as coisas avançarem demasiado é que teremos agora que impor uma mão especialmente dura naquele território. Temos de ser implacáveis, Furtado de Mendonça — disse o arquiduque, inflamado pelo seu discurso —, temos de perseguir toda a sorte de delitos contra a Fé Católica, mas especialmente, muito especialmente os judeus. Tenha muita, mas muita atenção aos que se dizem cristãos-novos e que por lá vivem em grande número. Aperte com a população, que há-de poder revelar a verdade. Investigue tudo o que lhe parecer que pode levar aos hereges, interrogue quem tiver de interrogar, e nunca se detenha em aplicar os castigos devidos aos culpados. Eles não-de ver que o Santo Ofício chega a todo o lado, e não há um só recanto escondido no reino, seja aqui em Lisboa ou no mato inóspito povoado de selvagens, onde o pecado se possa esconder e viver em escandaloso descanso.

— Eu juro-lhe, Eminência — disse Heitor, num tom grave, com um o olhar faiscante —, hei-de cumprir esta missão tal como é esperado de mim, e hei-de honrar o nome desta grande instituição em todos os lugares da visitação. Os culpados serão punidos.

— Furtado de Mendonça — disse o arquiduque, segurando-o solidamente pelos ombros — que Deus o proteja, pois precisamos muito de si. Agora venha comigo. Quero mostrar-lhe algo antes de nos despedirmos.

O arquiduque atravessou então o pátio, seguido, de Heitor, dirigindo-se para a quarta torre, recuada a norte. Um soldado velho com as costas curvas bateu continência à passagem dos nobres. Assim que entraram, um odor fétido arrebatou-os, misturado num fumo denso de lenha queimada. Diante, um funcionário vestido de negro e com um capuz sobre a cabeça sentava-se atrás de uma secretária, levantando-se de imediato à entrada de Suas Excelências. Com um gesto da mão, Alberto indicou-lhe para que se mantivesse sentado, e com um sentido prático, explicou:

— Esta é a Torre dos Acusados. Aqui são encarcerados os culpados em tribunal. Nessas celas que pode ver aí — apontou para lá do funcionário,

onde se viam portas de ferro, abertas numa pequena janela trespassada por barras de ferro, atrás das quais imperava a escuridão —, fechamos os prevaricadores da fé. Aqueles que estão em fase de interrogatório também aqui são encerrados. Os senhores inquisidores são especialmente hábeis em extrair a verdade. Vamos subir.

Ao lado, uma escada de pedra em caracol subia até aos andares superiores da torre. Por vezes escutava-se o arrastar de correntes, um murmúrio de dor, o encerrar de trancas, sons dispersos num ambiente soturno e pesaroso, aliviado apenas pelas fendas que faziam de janelas, dispostas em intervalos regulares ao longo da escadaria. Em cada andar podiam-se ver as mesmas celas, o mesmo funcionário de serviço.

Chegaram então ao último andar da Torre. Uma porta com a espessura de uma mão-travessa dava acesso a uma câmara única, de tecto alto e abobadado, com dois degraus à entrada. Nas paredes agitavam-se as chamas dos candelabros, do tecto pendiam correntes e grilhetas, e ao centro destacavam-se uns estranhos cavaletes de madeira, com cintas de ferro, um deles semelhante a uma mesa de cirurgião. Ao lado direito encontrava-se uma mesa larga, atrás da qual se encontravam dois inquisidores, os quais se levantaram prontamente à entrada do Inquisidor-Mor. Atrás destes, na parede, exhibia-se o estandarte do Santo Ofício. Com um gesto da mão, o arquiduque fez sinal para que se sentassem, e o algoz de serviço, trocando um aceno rápido com os superiores à mesa, dirigiu-se à única cela daquele piso, trazendo à força uma jovem rapariga, a qual atirou para o centro da câmara, despindo-a por completo. Prostrada no chão, branca como uma estátua de alabastro caída na pedra escura e coberta de terra e lama, a jovem chorava.

— Joana Alves Martins — começou a ler o inquisidor, num tom monocórdico —, trazida a esta mesa do Santo Ofício ao sexto dia do mês de Fevereiro do ano de mil quinhentos e noventa e um, por processo instaurado através de denúncia pública, responde pela acusação de vestir roupa lavada ao Sábado e outras práticas judaizantes condenadas pela Santa Igreja.

De mãos unidas atrás das costas, Heitor observava com uma expressão neutra aquele corpo ebúrneo, salpicado pela lama, curvado sobre si mesmo como um gato, procurando ocultar envergonhada a sua nudez. O algoz tomou-a então pelos cabelos, fazendo-a gritar de dor e desespero, contorcendo-se para se libertar do seu captor, em vão. Um par de sonoras bofetadas ecoou na câmara, e a jovem caiu no chão, soluçando. O algoz fez



então passar uma corda através de uma roldana no tecto, enrolando uma das extremidades numa espécie de tambor fixo num cavalete com uma manivela. Com a outra extremidade atou-lhe as mãos atrás das costas.

— Também usam o pêndulo lá em Coimbra, Furtado de Mendonça?  
— perguntou o arquiduque, em surdina.

— Também, Eminência.

Na mesa, um dos inquisidores fez um sinal com a mão para o algoz, em jeito de ascensão. Logo este se dirigiu à manivela, a qual começou a rodar lentamente, começando por erguer ao alto os braços da jovem, cujos cabelos tombados para a frente lhe ocultavam o rosto, voltado na direcção do Inquisidor-Mor e do deputado. Com a dor, a acusada levantou-se de forma a acompanhar o movimento da corda e impedir que esta se esticasse. As formas femininas naquele corpo abandonado à tortura do algoz impeliu o arquiduque a dizer algo, no constrangimento que aquele vislumbre secreto provocava:

— Este é um método muito eficaz para obter a verdade. Apesar da sua simplicidade, os efeitos que provocam na vítima são realmente impressionantes.

— Sem dúvida — soltou Heitor, com o olhar capturado pelos seios abandonados e insinuanes. Com um movimento da cabeça, a jovem afastou o cabelo, e por alguns momentos o seu olhar fixou-se no do deputado, um olhar gelado trespassado de ódio que lhe provocou um calafrio.

— Normalmente aplicamos este tratamento antes do início do interrogatório, para que os acusados saibam o que esperar, caso decidam manter-se em silêncio. Como as mãos estão presas atrás das costas, os ombros não aguentam com o peso e então acabam por provocar a luxação. No fim, acabamos sempre por obter a verdade. Vamos — disse, abandonando a câmara, seguido de Heitor. Enquanto desciam as escadas da torre, um grito horrendo ecoou nas paredes. A memória daquele olhar carregado de ódio surgiu por momentos no pensamento do deputado, alternando-se com a perturbadora visão dos seios, que lhe fazia o peito arder de culpa. Um segundo grito ecoou pela torre fora, ainda mais intenso que o primeiro. Heitor respirou fundo, como se absorvesse daquele ar pútrido um bálsamo benfazejo e tranquilizante. O fogo da culpa extinguiu-se do peito com o sofrimento da acusada.

— Aqui nos despedimos — disse o arquiduque, à entrada do edifício principal, oferecendo a mão a Heitor. — Adeus, Furtado de Mendonça. Desejo-lhe toda a sorte na sua importante missão, e que Deus o acompa-

nhe no seu caminho. O Santo Officio deposita toda a confiança em si. Que as suas palavras e os seus actos nos encham de orgulho nas terras de Vera Cruz.

— Eminência, que não haja dúvida de que os culpados serão investigados, julgados e punidos. Não restará uma pedra por virar onde os criminosos da fé se possam esconder do Santo Officio, que orgulhosamente representarei nesta visitação. Com a graça de Deus e instituído dos poderes que o Santo Officio e a Santa Igreja me conferem, serei eu um soldado incansável na busca das ofensas a Deus nosso Senhor.

— Assim seja — disse Alberto d'Áustria, desaparecendo pela escadaria acima. Heitor abandonou o palácio, entrando na carruagem à sua espera, esquivando-se da chuva miudinha que entretanto começara a cair.